

Estar vivo (obra)

Escrito por: Arthur Fontgaland.

Publicado em: 01/07/2017

Estar vivo - Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição (2011) é uma coletânea de ensaios do antropólogo britânico Tim Ingold (1948-) escritos e ministrados ao longo da primeira década do século XXI. O volume dá continuidade e atualiza um processo teórico iniciado em *Lines: a brief history* (2007), subsidiando formulações posteriores, reunidas em *Making: Anthropology, Archeology, Art and Architecture* (2013). As ideias do livro, segundo ele, orbitam em torno das três palavras-chave que o intitulam: movimento, conhecimento e descrição. Estas não são meras sequências de operações, mas compostos paralelos de um só processo, o do curso da vida. Uma simples caminhada, ele sugere, mobiliza as três operações ao mesmo tempo, o que requer observação para além dos grandes esquemas filosóficos sobre o “estar no mundo”. Aí reside o principal argumento do autor: o ser que está em movimento, conhecendo e descrevendo, está atento, e estar atento é estar vivo para (e no) mundo.

Nos dezenove capítulos distribuídos em cinco partes, Ingold argumenta que a epistemologia antropológica deve se inclinar aos fluxos e percursos da vida. Por isso, renuncia a adjetivações (social, estrutural, ecológica, simbólica ou cultural) comumente associadas ao vocabulário da disciplina. Para ele, se o objetivo dos antropólogos é ler o mundo, as fontes textuais que os informam devem estar abertas às inspirações e dizeres contidos, literalmente, no chão que se pisa; no curso dos rios e movimentos das marés; na habitação das casas e no convívio entre animais humanos e não humanos. O autor busca superar fronteiras disciplinares, conduzindo diálogos com a arte, a arquitetura e os estudos da cultura material, pois acredita que esses domínios partilham da capacidade de observar, descrever e propor. À Antropologia não caberia apenas o papel de relatar a vida social tal como ela se

apresenta, mas sobretudo um engajamento no mundo e uma educação perceptiva, aberta às infinitas possibilidades dos organismos de nele estarem e existirem.

Amparado sobretudo pela Psicologia ecológica de James Gibson (1979), Ingold defende que colocar o foco nas atividades dos materiais - sem encerrá-las no interior de um objeto, reduzindo-as a matéria inerte - significa admitir que a vida está nas coisas, e não que as coisas estão na vida. Este aprisionamento das coisas em objetos teria originado o que ele denomina de “problemas da agência” nos estudos da cultura material, como observados em autores como [Alfred Gell \(1998\)](#) que, supondo a inatividade dos materiais, necessita de algo exterior a eles, como a ideia de agência, capaz de animá-los. Na teoria ingoldiana, os materiais que compõem o mundo não existem como objetos do mundo material, mas “ocorrem”, pois as propriedades dos materiais consideradas constituintes de um ambiente não podem ser identificadas como essenciais e fixas nas coisas, ao contrário, são sempre processuais e relacionais. Por isso, para o autor, todos os organismos, das pedras às pessoas, são “colmeias de atividades” que pulsam com o [fluxo de materiais](#), cujas propriedades são estórias condensadas que os mantêm vivos, se misturando e se modificando.

Ingold acredita que a “lógica da inversão” operada no pensamento ocidental depositou uma membrana entre os seres e o ambiente, apartando-os e impedindo o trânsito de informações entre eles; como se os primeiros fossem anteriores às relações e o segundo estivesse preordenado. Contrário a esta visão, ele acredita que os seres e o ambiente se constituem mutuamente em um contínuo nascimento, cujas formas geradas são trilhas de movimento ou crescimento. Neste raciocínio, cada trilha equivale a uma relação; mas não se trata de uma relação entre um organismo aqui e o ambiente lá, mas de uma trilha ao longo da qual a vida é vivida. Para ele, uma trilha é um fio que se adensa em um tecido de trilhas compreendendo a textura do mundo da vida, tal como uma “malha”, termo que ele toma de empréstimo à filosofia de Henri Lefebvre (1901-1991). A constituição relacional dos organismos se daria nessa textura, não como um campo de pontos interconectados imaginado pela teoria-ator-rede de Bruno Latour (1947-), mas sim por linhas entrelaçadas. Se o pensamento em rede cria para si o problema da distinção entre os seres e suas

relações, operando na “lógica da inversão”, tratar as relações como trilhas, para Ingold, é afirmar que os seres são as suas próprias relações.

Parte da cosmologia ingoldiana, resgatada e ampliada em *Estar vivo*, tem revigorado a chamada Antropologia fenomenológica, que mobiliza, por exemplo, as etnografias organizadas em coletânea por Carlos Steil & Isabel Carvalho (2012). Ao lado de autores como Donna Haraway (1944-), Philippe Descola (1949-) e Eduardo Viveiros de Castro (1951-), Ingold, e suas ideias, vêm incidindo no debate antropológico sobre humanos e não humanos, contribuindo, além disso, para os diálogos acerca do uso de *desenho* em trabalhos etnográficos que ressoam, por exemplo, nas pesquisas reunidas no dossiê *Antropologia e Desenho* (2016).

COMO CITAR ESTE VERBETE

FONTGALAND, Arthur. 2017. "Estar vivo". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/obra/estar-vivo>>

ISSN: 2676-038X (online)

PALAVRAS-CHAVE

antropologia britânica; conhecimento; desenho; etnografia; fenomenologia; natureza/cultura; paisagem

BIBLIOGRAFIA

DESCOLA, Philippe, *L'Écologie des autres: l'anthropologie et la question de la nature*, Paris, Éditions Quae, 2011

FONTGALAND, Arthur. 2017. "Estar vivo". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/obra/estar-vivo>>. ISSN: 2676-038X.

Dossiê Antropologia e desenho, *Revista Cadernos de Arte e Antropologia*, v.5, n.2, 2016, p. 6- 142, Disponível em: <http://cadernosaa.revues.org/1152>

GELL, Alfred, *Art and agency: an anthropological theory*, Oxford, Clarendon, 1998 (Trad. Bras. Jamille Pinheiro Dias. Orelha Pedro Cesarino. São Paulo, UBU, 2018)

GIBSON, James, *The Ecological Approach to Visual Perception*, Boston, MA, Houghton Mifflin, 1979

HARAWAY, Donna, *The companion species manifesto: dogs, people, and significant otherness*, Chicago, Prickly Paradigm Press, 2003 (Trad. Bras. Pê Moreira. Bazar do Tempo, 2021)

INGOLD, Tim, *The Perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*, London, Routledge, 2000

INGOLD, Tim, *Being alive: essays on movement, knowledge and description*, London, Routledge, 2011 (Trad. Bras. Fabio Creder. Petrópolis, Vozes, 2015)

INGOLD, Tim, *Making: Anthropology, Archeology, Art and Architecture*, Londres/Nova York, Routledge, 2013

LATOUR, Bruno, *Nous n'avons jamais été modernes. Essai d'anthropologie symétrique*, Paris, La Découverte, 1991. (Trad. Bras. Carlos Irineu da Costa, Editora 34, 1994)

LEFEBVRE, Henri, *La production de l'espace*, Paris, Éditions Anthropos, 1974

STEIL, Carlos Aberto & CARVALHO, Isabel Cristina de Moura (orgs), *Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold*, São Paulo, Terceiro Nome, 2012

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo, *Metáphysiques cannibales*, Paris, PUF, 2009 (Trad. Bras. Oiara Bonilla. Cosac Naify/ N-1 edições, 2015)

FONTGALAND, Arthur. 2017. "Estar vivo". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/obra/estar-vivo>>. ISSN: 2676-038X.